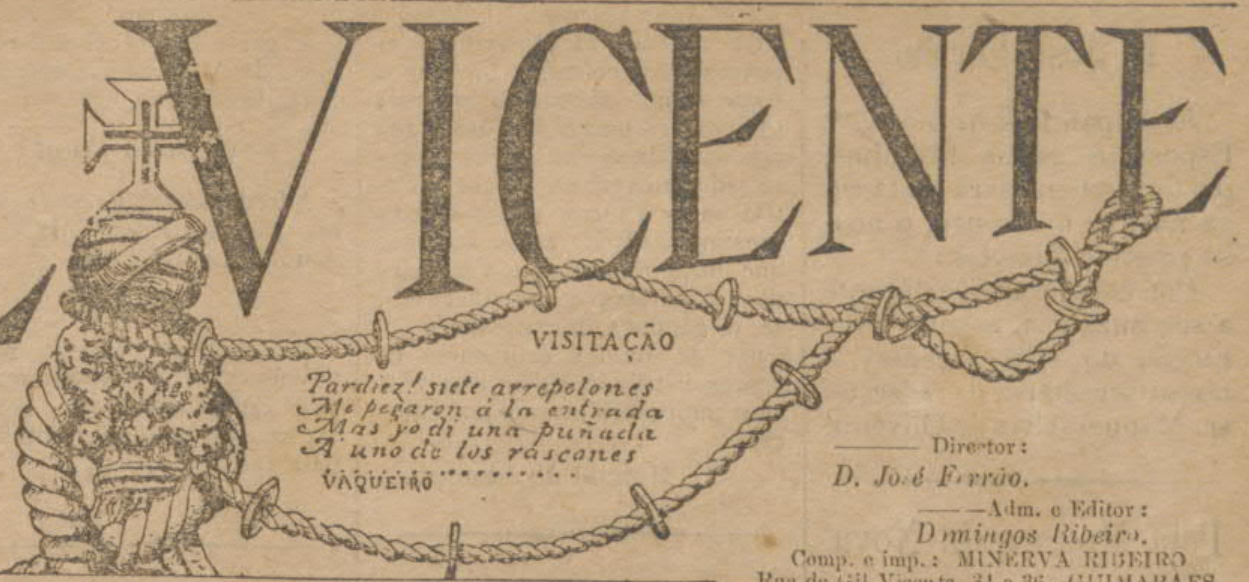




Semanário monarchico-integralista
(Literário e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



Director:
D. José Ferrão.
— Adm. e Editor:
Domingos Ribeiro.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36 — GUIMARÃES

A REVOLUÇÃO

Ruge nos peitos a Ideia, amadurecida pelo estudo, santificada pelo martirio, embutada e reprimida pelo escrupulo e pela esperanza.

Freme nos cerebros como um temporal do largo ganindo a bida da destruição na fructu agreste dos pinhais. Cachôa como a torrente escura que galopa entalada nos fraguédos, e salta, e remuiha, e estrebucha, e pragueja até ao mar, até á victoria, até á Morte. Rebôa como um trovão nos alcantis arqueados de dorsos graníticos; como o trovão alcança a madre da terra, a Ideia enche de sons apocalipticos o reconcavo sombrio das almas e fã-las tremer de receio e de pasmo, de alegria e de dor, de esperanza e de revolta. Anda nos lábios em risos e em esgãos, brilha nos olhos em luz e em lagrimas, canta e grita nas bocas em fados de desalento e em vômitos biliosos de blasfemias imprecções, agita-se em farrapos de miséria que são firo e em oiro de bandeiras que vão em funeral de sistemas, soluça sebastianismos á guitarra e confia da maresia revolta a instabilidade do espirito humano e a imutabilidade do divino espirito.

E' como o bramir do mar o rugido da Ideia nos peitos. Hora de temporais e de marés-vivas, é como se o mar empolado e raivoso escabujasse em ondas de destruição e de pavor. Hora-tragédia em que a Ideia prepara as almas para a Revolução, que a Revolução seja a sintese da Ideia; da Ideia: o grande mar de que a Revolução é a onda, a onda que se eleva em crista, e se curva em gume de espada, e se contrai em garra adunca, e se enrola em mistério e em força, e ruga, e brame, e rebôa como o trovão ou o terramoto, e ferve, e escuma, e alastra em lava gelada, e depois se espraia, e destroi, e purifica!

Bendito seja o Mar. Bendita seja a onda. Bendita seja a Revolução, oh! meu senhor conservador, para quem a palavra tem sabios enjoativos de sangue e de lama, oh! meu senhor burguês que lhe descobres, ao ouvi-la, sons estridentes de espadas e algemas, sons formidaveis de bombas e de granadas, sons crepitantes de fusilarias e de incendios, sons abafados de rapinas e de violências devassas. Senhor da tenda e do banco, dono da imprensa ou das armas, possuidor da terra, do dinheiro ou do poder— a Ideia conservadora da Revolução é sempre a mesma, é a Ideia do crime e do roubo, sem justiça que vingue a sociedade ultrajada pela bestialidade sem freio, pelo feroz instinto da bruta animalidade á solta. Duas gravuras não sei de quem, vulgariçadas já até á banalidade, confrangem as almas burguesas e timidas de crueldades macabras: Na primeira,

ao longo de uma estrada que ao fundo conduz á cidade, passa em seu ligeiro cavalo a Revolução na figura da morte, e por onde ela passa os homens fogem espavoridos, as crianças amedontadas espreitam de entre os vestidos das mães, os animais e as aves emudecem e agacham-se nas tocas e ninhos, as arveres murran-se e as searas tombam requeimadas por um bafo do inferno. Apenas os reptis escancaram nas bocas serrihadas e ignobis acudiado, alegres, á passagem do singular cavaleiro que galopa sempre na desolada estrada, flutuando ao vento de fogo o seu manteu negro e a sua pluma rubra, e só um bando negro de corvos o segue em cortejo para o fundo onde a cidade parece jazer adormecida e confiada. E' a Revolução que marcha, e por onde ela marcha só ruínas ficam, e desolação, e tristeza, e miséria, e negra nuvem dos corvos em correria doida para a cidade, para a carnagem, para a Morte. Tem menos cor e menos descriptivo a outra gravura, mas é-lhe superior em simbolismo e mais acabrunhadora de tragédia. A uma esquina da cidade arrasada, a Revolução — esqueleto esburgado sem manteu nem pluma — triunfa sobre o seu cavalo que calca um montão de corpos e lambe, sófrego, o sangue das valetas. Um regimento ao largo passa, lúgubre, ataques de clarim, e sobre ruínas, e mortos, e vivos, um grande frio de sofrimento e de melancolia se estende como um cinzento véu de morte naquele cenário triste de morte a que a morte preside. Assim idealizou o conservador a Revolução, e já não pode concebê-la sem o sinistro cortejo dos corvos, sem o tinar dos ferros, sem a explosão das bombas, sem o ruido dos assaltos, sem a orgia do saque, sem o vermelhão dos incendios, sem a chacina sangrenta, sem o espantallo escaveirado da Morte.

Das revoluções democráticas — essas revoluções que ainda hoje trazem écos de epopéia libertária aos sentimentos humanitários e liberais do bom democrata — seria esse talvez o verdadeiro e pungente quadro. Se a democracia é a esterilidade e a destruição, porque não havemos de cavalgá-la sobre o ligeiro corcel da gravura? Ela é a Morte, a morte que passa e que arrasa, a morte que vó e que requeima, a morte que enfurece e melancolisa. Essa figura horrenda da Revolução burguesa é a democracia e o seu cortejo de ideias que são reptis e que são corvos, que laceram a carne e que bebem o sangue, e riem e seguem na esteira da morte como o bando esfaimado das negras aves carnicceiras. Reptis nojentos, sem o vôo audacioso e rapace dos corvos e apenas com a sua insaciavel voraci-

cidade, os conservadores riem á beira da estrada o riso ignobil das suas bocas serrihadas, riem vendo passar a avantesmã negra da capa revolucionaria que tremula ao vento, e o seu riso é rubro como a pluma rubra, como um esguicho de fogo. Riem e rastejam, e o seu rastejar é vagaroso como a digestão da gibóia, silencioso como o escorrer da lama, morno como o sangue acabado de coalhar. Meu senhor burguês! Razão tens tu em te horrorisares com essas macabras gravuras de não sei que estranho, que alucinado artista. Vendo essas gravuras é a tua obra que contemplas, a obra da tua ambição e do teu egoismo, a obra da mentira que arvoraste em sistema e do sistema em que reduzi-te a vida e a sociedade a uma rede de mentiras, a obra que amassaste com o sangue e cimentaste com as lagrimas e as misérias de cinco gerações de explorados — oh! meu senhor burguês que me matas de fome e me mandas votar, é essa a tua obra: a democracia. Vê-a como eu a vejo, sem manteu nem pluma, esaveirada e triunfante, escarranchada no cavalo do progresso, esse cavalo que bebe sangue enquanto ao longe a tirania triunfa e eleva um César, ou derruba um trono: é a Morte!

A democracia é a morte, a morte das nações e da vida colectiva que se ergue para os ceus em ideias nobres, em ideias puras, em ideias sans. E' a morte que passa na louca rajada da anarquia, esse galopar desabrido para o abismo das ditaduras que tanto podem resgatar como perder. Velha ideia esfarrapada, mal coberta ainda da capi negra dos principios, rapada de carnes, ossos ao leo, repelente e funebre, fantasma de doutrinas que a ignorancia dos povos respeita por um ancestral terror dos mortos—ela aí anda a fingir de viva, a galopar sobre o corcel escanzelado, ossadas contra ossadas, na grotesca exhibição de clavículas, e costelas, e caveiras esburgadas. Como vão longe os tempos em que ella assaltava Bastilhas, e guilhotinava reis, e queimava nobres, e enforcava padres, e pilhava toda a riqueza, e desorganizava todo o trabalho! Era bem a Revolução, era a democracia triunfante, senhora das almas e dos destinos dos povos. E os povos seguiam na até á cidade, até á victoria, até á Morte, e a torrente era impetiosa e suja como um rio de inverno entre agressivos taludes de rija pedra. Mas o tempo passou, e a corrente diluiu-seno mar, e do grande rio sujo e cheio das horas vermelhas ficou apenas um tímido fio d'agua que nem as almas desedenta.

Passou a democracia, passou como um ciclone, como a inundação, como a peste, como a guerra, e do seu passar no mun-



Os Nichos

*Pobres nichos devotos (como alminhas)
Que ha por este país, nessas estradas...
Lembrais ninhos por cima de sacadas,
Lares aconchegados de andorinhas.*

*Oh minha devoção, ternuras minhas,
Vós ao pé d'elles sois resuscitadas!
E eu amo-os mais que ás cathedrais lançadas
Aos altos céos, em complicadas linhas.*

*Rescendem cravos, rosas perfumando,
E num copo d'azeite uma luz arde
Ao pé da Virgem, toda num perdão.*

*Luzem á noite pelos campos, quando
Recolhe a gente a casa... Deus nos guardel!
Nichos devotos! Portugal cristão!*

AFFONSO LOPES VIEIRA.

do, da sua correria doida sobre todos os campos da actividade humana, só ruínas ficaram nas coisas e nas almas, devassidões e fomes, tristezas e sangueiras, anarquia e desalento. Olhando a velha terra calcinada e estéril, rasam-se de lagrimas os olhos, e o espirito é envolvido por aquele veu gelado de melancolia e de desalento que se adivinha por sobre as necrópoles, aquela indefinível melancolia que da lingua do cavalo da Morte desce em baba lenta sobre um montão de cadáveres, e sobe em fios de sangue até á boca do progresso. Ao mundo actual, que é um monturo de podridões e um cemitério de ideias, preside a velha ideia esburgada e grotesca — fantasma de outro mundo a fingir de viva, simbolo da violência, do saque e da anarquia, espantallo que á morte cedeu a foice e que á vida pediu a espada para com ella se trespassar, aniquilando a Vida. Disfarçada em tiranias ou em ditaduras, moderada em conservantismos ou acirrada em «soviets», é ella ainda quem governa sobre a sórdida materialidade presente. Sobre as almas, porém, — unica flama de vida em que Deus se agita nos homens — já a democracia perdeu o seu império, porque as almas querem viver para além do mundo e a democracia é a morte, a morte que passa e que arrasa, a morte que vó e que requeima, a morte que enfurece e melancolisa.

Palavra de morte e de extremínio no passado, de morte e de extremínio a queremos nós, mas n'um alto, e novo e nobre sentido social e nacionalista. Meu bom senhor-democrata que me derianças de fome, e me dá uma lista para rilhar, e mantens a tua ordem á força de canhões

e de espadas, aferrolha bem o teu dinheiro que ele morrerá asfixiado, muralha bem a tua propriedade que nem por isso serás tu o unico a gosá-la, mas não temas pela vida, pois se crimes cometes contra o teu semelhante e contra Deus é porque a lei democratica instiga o teu egoismo e de mentira em mentira te leva á inconsciencia e á immoralidade. Revolução, palavra de extremínio e de morte, de morte á democracia e ao seu espirito, de extremínio a todas as injustiças e a todos os alijões sociais, de caridade e de misericórdia para com todos os homens, os bons e os maus, que por todos sofreu o doce Senhor Jesus no alto do seu Calvario! Revolução que ruje nos peitos como a torrente, e no reconcavo sombrio das almas rebôis em canticos mais fortes do que o trovão, mais harmoniosos do que o mar irado—tu és a onla forte do alto mar da Ideia, d'essa Ideia que o tempo amadureceu no estudo e sublimou no martirio e na esperanza, essa Ideia que vem das entranhas do mundo até á flor da Terra e da Terra se eleva aos Ceus, essa Ideia que os seculos remotos geraram na humildade e que na humildade floresceu até derrubar soberbias, e implantar a Justiça e revelar aos homens na Verdade o verbo luminosa de Deus.

Bendita seja a Ideia que é Mar. Bendita seja a Revolução que é onda— a onda que se eleva em crista, e se curva em gume de espada, e se contrai em garra adunca, e se enrola em misterio e em força, e ruje, e brame, e rebôa como trovão ou terremoto, e ferve, e escuma, e alastra em lava gelada, e depois se espraia, e destroi, e purifica! Bendita seja, e bendito seja Deus!

Cesar A. d'Oliveira.

D. José Ferrão

Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e gentis filhinhos, partiu, ontem, para a sua casa na Foz do Douro, o nosso presado Director.

Por este motivo, e durante a sua ausência, assume a direcção do «Gil Vicente» o nosso secretário da redacção sr. Manuel Alves de Oliveira.

Pela Monarquia Nova

A Monarquia que a Revolução Nacional ha de restaurar, na hora própria, não pode ter qualquer ponto de contacto com esse fantasma de Monarquia que para af estrebuchava e a que a ridicula aventura de 1910 pôs termo.

Não o permite o sangue dos dois martyres D. Carlos e D. Luís, caídos ás mãos do constitucionalismo e da Republica, em 1 de Fevereiro de 1908.

Não o permitirá a geração nova que quer uma Monarquia absolutamente Nacional, com um chefe que governe, com a organização profissional por grupos economicos, com a descentralização administrativa.

Por essa Monarquia nos bateremos sempre, oferecendo sangue, liberdade, vida, para que não morra e volte ao roteiro de gloria que pelos seculos fóra trilhou.

Carlos d'Ornelas.

Imprensa... de balcão

Quando qualquer figura em destaque na politica, na finança, ou no commercio se insurge contra a imprensa, esta, indignada no seu brio, na sua honra, e impugnada na sua alta missão de educar e civilizar o mundo e as sociedades, levanta-se nos bicos dos pés e, raivosa pelos nomes feios que lhe chamam, barafusta, berra, não consentindo que lhe toquem nem com um dedo! Pois, senhores, essa mesma imprensa, que não consente, nem á mão de Deus padre, que a insultem, ou a maltratam quer por pensamentos, palavras, ou gestos, é a primeira a cair no erro, para não dizer crime, de fomentar a desordem nos espiritos, ou a miséria nos lares quando não é das duas coisas. E se não vejamos aquela certa e muito conhecida imprensa— a tal imprensa que se inculca de *alavanca do progresso* e não sabemos de que mais babuseiras— vendida aos «moageiros», á «finança» e ao «comercio»... Aquella mesmíssima e conspicua imprensa que hoje ataca e condena homens porque não trabalham, nem aparecem ás repartições, que roubam os seus semelhantes, e preenchem folhas de vencimentos com supostos nomes estranhos aos serviços publicos! «Moralíssima» imprensa esta, que, depois de pôr muito alto, lá mesmo no alto dos chifres da lua, a beleza do emprestimo interno, o resultado estrondoso e certo, matemático como a rotação da Terra, vir, depois, mais tarde, defender aqueles outros outros homens das calúnias de véspera, arrojando-se a cometimentos de audácia e de tranqüibernia, — explicando aos leitores basbaques que, «mal informada», e dando credito a criaturas sem noção alguma do que é a imprensa, se valém da bô-fé dos que as escutam e passam a

letra redonda as suas vinganças pessoais ou politicas!... Com o emprestimo, succede o mesmo! Ontem, era uma bôla e inspirada operação financeira, cheia de resultados magnificos, de que a Patria havia a lucrar muito—o emprestimo da Raça, e não sabemos que mais admirar—se a torneira dos disparates e dos adjectivos, se a ganhuça desenfreada e nojenta de muitos centenas de contos distribuidos pela «moralíssima imprensa» a tanto por cabeça!

Manuel de Azurem.



A Vida e a Morte

Vi ha poucos dias, num cemiterio minhoto, um quadro que me fez pensar alguns minutos nos insondaveis misterios da Vida e da Morte.

Duma campã, encerrando talvez um corpo enregelado pelos anos, talvez um loiro bambino de poucos meses, surgiram, a rir e a brincar, entre rosas palidas de saudade, duas crianças lindas, com a esperanza no olhar claro e a alegria nos labios vermelhos abertos ao sol.

E meditei, então, na estreita ligação existente entre a Vida e a Morte—dois estados que se seguem e se completam. Porque a Morte, se é um *terminus* da Vida, é também um principio de Vida. E quantos não começam a viver, sómente quando a tampa dum caixão limita o espaço misero em que andaram por este mundo, aos encontrões da sorte e da maldade dos homens!...

Aqueles dois corpitos tenros, desprendendo-se duma campã para a vida, aquellas duas almas, elevando-se dum coval para o terreno fragil do mundo, donde um dia hão-de elevar-se ainda mais alto, ficam sendo, na minha mente, o simbolo vivo dos laços misteriosos que a Vida e a Morte têm entre si, sem que o suspeite a multidão egoista e feroz que faz da terra um campo de batalha...

Felix Correia.

Victoria Sport Club

Corpos Gerentes

No passado domingo, realizou-se a eleição dos corpos gerentes do Vitoria Sport Club para o ano de 1924, os quais ficaram assim constituidos:

Assembleia Geral

Presidente—Alberto de Souza Pinto;

Vice-Presidente—Avelino Ferreira Meireles;

1.^o Secretário—Afonso Lerves de Macedo Dória;

2.^o dito—João de Freitas.

Direcção

Presidente—Antonio Macedo Guimarães;

Vice-Presidente—Emilio Pereira de Macedo;

1.^o Secretário—Luiz Gonzaga Leite;

2.^o dito—Luiz Filipe Gonçalves Coelho;

Tesoureiro—Domingos André de Magalhães;

V. gais—Heitor Godofredo Ribeiro de Almeida e Eduardo Pereira dos Santos.

Conselho Fiscal

Alfredo Alvaro Ferreira de Brito, Alberto Ribeiro Pinheiro e Antonio Lage Jordão.

De esperar é que o sport se desenvolva mais em Guimarães, pois dos novos corpos gerentes fazem parte grandes entusiastas pela causa desportiva.

D.

Santa Lusia

Foi muito concorrida a festividade em honra da miraculosa Sant. Lusia.

Tanto no templo de S. Dámaso como á capelinha da Rua Francisco Agra foi enorme a affluencia de pessoas, nomeadamente da gente do campo que aproveita esta occasião para os seus preparativos de Cousada.

A noite, na Rua Francisco Agra, houve o costumeado arraial das «passarinhos», tocando a «escolta bunda dos Bombeiros Voluntários».

Franklin de Oliveira

Acompanhado do rev.^o dr. Avelino Gonçalves, esteve no passado domingo nesta cidade o sr. Franklin de Oliveira, comissário geral dos «scouts» católicos. Muito brevemente virá realisar uma conferência sobre o escotismo.

Missa

Pelo nosso amigo snr. Antonio José Pereira da Silva, foi mandada rezar no dia 13 do corrente, pelas nove horas da manhã, uma missa em ação de graças a Nossa Senhora da Ajuda, pelo feliz êxito na operação a que foi submetida ultimamente no Porto, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Conceição Oliveira Bastos Lemos Mota, dedicada esposa do nosso querido amigo snr. Eduardo Lemos Mota.

Imprensa

«Serviço d'El-Rei»

Editado pela Juventude Monarquica Conservadora do Porto, recebemos o n.^o 1 desta publicação optimamente collaborada e impressa a que desejamos longa e próspera vida.

«Santa Cecilia»

Recebemos o n.^o 2 (II série) deste interessante suplemento de música sacra da excelente revista «Vida Musical», que recomendamos a todo o amante da bôa música.

E' dirigida pela provida competência de Gastão de Bettencourt. Muito agradecemos.

«Revista de Seguros Sociais»

Editada pela União Patronal—Sociedade Máxima de Seguros—recebemos o n.^o 2 desta importante e útil revista cujo sumário é do máximo interesse.

«Almanaque Popular Católico»

Collaborado pelas individualidades mais em destaque no meio católico, recebemos um exemplar deste interessante almanaque para 1924, de apresentação excelente e de útil informação.

Todos os pedidos devem ser feitos a Antonio Pacheco—Rua de Santa Catarina, 630—PORTO.

Baptisado

Foi baptisada há dias, na igreja de Creixomil, uma fillina do nosso distinto amigo snr. Manoel de Castro Sampaio (Sendelo) que recebeu o nome de Lidia.

Serviram de padrinhos a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria do Patrocínio Lage e snr. Dr. Alberto Ribeiro Jorge.

Continua... sempre!

Continua embrulhada a situação politica que o ultimo movimento revolucionario veio agravar ainda mais.

A ambição criminosa dos homens tem levado o país á falencia e ao descalabro pouco se importando que o povo continue gemendo neste vale de lagrimas que é a republica. Só os bandos mandam e só os bandos exploram.

E' a crise permanente a ceder o terreno aos aventureiros de profissão com manifesto prejuizo da vida economic e financeira da Nação.

Segundo os jornais, foi encarregado de organizar gabi-

nete o sr. Alvaro de Castro, homem de ambições, e que nunca está satisfeito com a sua sorte. Monarquico ontem, o sr. Alvaro de Castro, que tem sido tudo, politicamente, não oferece segurança ás quadrilhas partidárias pois é incerta a sua firmeza de opinião politica. Nós não queremos nem pintado de azul e branco... Senão que o diga o sr. Ginestal Machado... a estas horas, talvez, chorando a ausencia do seu ex-correligionário, antigo reconstituente, democrático no principio... e em vésperas de o ser novamente!

A vida politica do sr. Alvaro de Castro...

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal



A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

João Esteves

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos Ex.^{mos} Snrs. Ministro do Interior e Comissario Geral dos Servicos de Emigração, trata de todos os documentos necessarios para obter passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRANÇA, AFRICA e HESPAÑHA e mais nações da America e da Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido possível, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa. Procurem e peçam informações á ULTRAMARINA e estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL.

JOÃO ESTEVES

Passagens e Passaportes—Guimarães.

Ex.^{mo} Snr.